



“PESQUISA DE CAMPO SOBRE O CRIME NO MORRO DO BOI”

SOUZA, Marcelle Nogueira

Resumo

Este artigo pretende analisar, com base no crime ocorrido no Morro do Boi, em Matinhos (PR), a interferência da mídia na solução de crimes. A pesquisa feita consiste em analisar cerca de 80 matérias escritas pelo Jornal Gazeta do Povo para podermos primeiramente, entender do que se trata este caso. Para realizar o trabalho, foi utilizada a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, método no qual permite unir tudo o que foi escrito no decorrer das investigações para então, chegar às conclusões.

Palavras-chave: Pesquisa; Morro do Boi; Jornalismo Investigativo; Crimes; Interferência da Mídia; Ética

INTRODUÇÃO

Buscando promover debate entre a mídia e a polícia e investigar se existe interferência por parte dos veículos de comunicação nas investigações policiais, esta pesquisa pretende analisar um caso de grande repercussão no Paraná. Partindo em busca da discussão da importância da participação da mídia na solução de crimes, este artigo analisa matérias escritas sobre o caso Morro do Boi.

O caso ocorreu em 31 de janeiro de 2009, envolvendo Osiris Del Corso e Monik Pegorari de Lima, que foram realizar uma trilha no Morro do Boi, litoral do Paraná. De acordo com a história contada no livro “Morro do Boi, das sombras à esperança”, de Mirian Paz de Almeida (2011), ao chegar no início da trilha o casal encontrou uma pessoa abaixada, com a mãos no rosto, por ser um dia muito quente pensaram que o sujeito pudesse estar passando mal, mas foram surpreendidos por uma arma retirada da cintura. Neste momento, o criminoso ordenou que os dois continuassem a trilha. Ao chegar a uma gruta, o assassino recolheu o dinheiro das vítimas e mandou Monik tirar a roupa, o namorado tentou impedir e os dois acabaram baleados. Osiris morreu no local, e sua companheira, ferida, teve que aguardar por socorro por 18 horas. Monik esperou muito tempo, até que o pai e o tio de Osiris os encontraram.

Após o acontecimento, diversos desdobramentos aconteceram. A prisão do suspeito, outro suspeito assumindo o crime, mas logo voltou atrás.

No próximo capítulo, vamos entender como a pesquisa foi realizada e os resultados obtidos.

MATERIAL E MÉTODO

Para entender a forma com que a imprensa lidou com o caso do Morro do Boi, foram analisadas matérias do site do jornal Gazeta do Povo, por ser o mais popular do estado, de acordo com a Comscore Digital Analytx, em 2016 o jornal teve sete milhões de visitantes únicos, mais de 4,5 milhões, só no Paraná. A cobertura foi ampla contando com 85 matérias sobre o caso, desde o dia seguinte ao ocorrido, 01 de fevereiro de 2009, até a última matéria sobre o caso em 28 de janeiro de 2016.

Diversas matéria foram analisadas, a primeira, que foi a principal, e o restante, foram notícias dos desdobramentos do caso. Seria impossível ler apenas a primeira e entender o caso por completo, então esses materiais serão analisados pela análise pragmática da narrativa jornalística estudada por Luiz Gonzaga Motta (2008). Neste método de pesquisa, o primordial é criar uma narrativa só, com todos os acontecimentos, para então, chegar à conclusões.

O primeiro passo consiste em organizar as publicações por uma ordem cronológica, para então a narrativa ter sentido. O autor define que “é a enunciação dos estados de transformação que organiza o discurso narrativo, produz significações e dá sentido às coisas e aos nossos atos”, ou seja, é importante analisar as matérias conforme sua ordem cronológica para então criar uma única história e entender os fatos. Cada matéria compõe uma parte de uma grande historia, juntando todas, teremos mais clareza.

O segundo passo é identificar os conflitos principais e secundários da narrativa, o que permitirá compreender a funcionalidade do episódio. Por exemplo, em um crime pode conter a situação, complicação, clímax, resolução, desfecho e punição. Depois, é hora de analisar os personagens da história, como que o jornal os descreve.

A quarta fase da análise fala sobre as estratégias comunicativas usadas no discurso narrativo da história, o autor diz que o jornalista é um narrador discreto, que utiliza recursos de linguagem para tentar camuflar a narração, mas que no fim, existe. Ainda completa dizendo que “quem narra tem sempre algum propósito ao narrar, nenhuma narrativa é ingênua, muito menos a narrativa jornalística”. O principal então é identificar de que forma o jornalista utiliza o efeito real, que faz com que os leitores interpretem o fato narrado como verdade e também os efeitos poéticos, que identifica a maneira de envolver o leitor.

Para o próximo passo é importante analisar o ponto de vista do narrador. Aqui, a relação importante é a do narrador e o narratário, as formas com que as matérias são apresentadas para prender a atenção dos leitores. Por fim, analisar qual foi o fundo ético e moral de toda essa história. Motta (2008) cita que nas fábulas é simples entender a “lição de moral” que está por

trás de todo o enredo, porém, em uma cobertura jornalística de um crime, que é o objeto deste estudo, ela fica implícita.

RESULTADOS E DISCUSSÕES OU REVISÃO DE LITERATURA

Para iniciar a pesquisa, foi feito um levantamento do total de matérias publicadas no site do jornal Gazeta do Povo no caderno Vida e Cidadania. Foram 85 matérias analisadas: 63 em 2009; seis em 2010; seis em 2011; uma em 2012; duas em 2013; cinco em 2014; nenhuma em 2015 e duas em 2016. Outras quatro matérias foram para o blog “Sobre Nada”, mas não serão alvos de análises, pois são de conteúdo opinativo e o que interessa ao trabalho, são os conteúdos jornalísticos noticiosos. De acordo com Motta (2008) é necessário criar uma nova narrativa de todos os fatos apresentados, então criaremos um breve resumo das 85 matérias publicadas pelo jornal Gazeta do Povo.

Primeiro Passo: criar uma nova narrativa

O caso ocorreu em 31 de janeiro de 2009 e a primeira matéria foi divulgada assim que encontraram o casal, no início da tarde do dia seguinte, 01 de fevereiro de 2009. Ainda sem muitos detalhes, explica o que poderia ter acontecido no local. O estado de saúde da vítima sobrevivente, Monik Pegorari de Lima era grave e tinha grandes chances de ficar paraplégica. A polícia começara as investigações, mas ainda nenhum suspeito. A primeira possível evidência foi um pedaço de uma camisa amarela encontrado por cães farejadores. A partir daí a insegurança tomou conta dos moradores da região.

A polícia ainda não tinha nenhuma prova concreta, portanto, nenhum suspeito, mas as coisas começaram a mudar depois que Monik reconheceu o pedaço de camisa, como de seu agressor. O retrato falado foi divulgado e as investigações pareciam tomar força, pois o delegado responsável pelo caso já tinha quatro suspeitos. No dia 17 de fevereiro o primeiro suspeito foi preso. Por hora, a polícia preservou a identidade. Durante o depoimento do preso, um vídeo foi gravado e levado até Monik no hospital, onde a vítima reconheceu o

agressor. No dia seguinte, o suspeito vai até o hospital para Monik realizar novamente o reconhecimento, e a vítima confirma.

O exame de DNA deu negativo, o que aponta que a jovem não teria sido estuprada, e então a polícia decide mudar o rumo da investigação, pela primeira vez. Agora, investigam um possível latrocínio, roubo seguido de morte, e ao invés de estupro, atentado violento ao pudor. A vítima volta atrás no reconhecimento da camisa amarela, e a polícia descobre que os álibis do suspeito foram forjados.

No mesmo dia, foi divulgado o nome do suspeito, porém, por princípios editoriais, o jornal decidiu não revelar o nome enquanto não houver condenação.

Dia 26 de fevereiro a polícia encerra as investigações, Juarez Ferreira Pinto foi indiciado e em uma coletiva de imprensa, Luiz Alberto Cartaxo, o delegado responsável pelo caso, explicou as contradições no caso. Ele afirma que com a diminuição dos remédios, Monik estaria retomando a consciência e pôde ter mais convicção.

Juarez Ferreira Pinto se manifestou por meio de uma carta, alegando ser inocente. Uma audiência de instrução foi marcada, mas teve que ser adiada devido à falta de seis testemunhas.

Uma prisão ocorrida em Matinhos levantou suspeita sobre possíveis semelhanças dele com o retrato falado feito pela vítima. Paulo Delci Unfried foi preso depois de invadir uma casa e violentar uma mulher, no litoral do Paraná, local próximo ao Morro do Boi. A polícia pediu o exame de balística das duas armas encontradas com ele e no dia 30 de junho, o caso teve uma reviravolta, Paulo Delci Unfried confessa ser autor do crime do Morro do Boi, e uma das armas foi identificada como a que matou Osiris. Cartaxo afirma não haver erro no caso e afirma não ter mudado de opinião, mesmo depois da confissão.

As matérias já estavam menos frequentes por conta do encerramento do caso, mas com a reviravolta, o crime volta a ficar em evidência.

Monik e a família acreditam que a confissão de Unfried foi armada. Ele não sabia explicar detalhes do crime, como as roupas que as vítimas trajavam. Então a justiça decreta sigilo no caso.

Realizaram um perfil de Unfried, o título “Perfil do novo suspeito: de bom vizinho a bandido e psicopata” revela surpresa de alguns conhecidos do suspeito no envolvimento com o crime, para outros era só uma questão de tempo esse lado dele vir à tona.

Uma matéria feita por Mauri Konig tratava de uma crítica à investigação policial conduzida, ele inicia o texto dizendo “até cinco dias atrás a polícia do Paraná gabava-se de sua eficiência ao “elucidar” um dos crimes de maior repercussão do estado”, depois disso, apresentou um resumo dos principais fatos da investigação e finalizou “de repente, a polícia se viu dando um tiro a esmo e acertando a própria reputação. Tem agora um crime, dois suspeitos e uma lista de equívocos”. No decorrer da matéria, ele entrevista um promotor de justiça que analisa a investigação policial e conclui que “o que a polícia fez foi inverter a ordem da investigação”, afirmando que os investigadores são treinados para solucionar crimes partindo de um suspeito, obter a confissão de crime para então buscar elementos que confirmem as suspeitas. Deixa claro na matéria que a polícia agiu afoita, fazendo menção ao fracasso da investigação no caso de Rachel Genofre, uma menina de 9 anos, que foi abusada sexualmente e estrangulada, o corpo foi encontrado em uma mala na Rodoferroviária de Curitiba, seriam dois fracassos em um curto intervalo de tempo.

Monik teria que realizar novo reconhecimento, o juiz pediu para que a vítima ficasse frente a frente com os dois suspeitos. Dia 23 de junho, o jornal relata mais uma surpresa na história: Unfried volta atrás e nega ser autor do crime, alegando ter sido pressionado para realizar a confissão. O episódio aconteceu após Monik realizar novo reconhecimento, mantendo Juarez Ferreira Pinto como o culpado. Por falta de provas, no dia 31 a justiça mandou soltar Paulo Delci Unfried.

Para fechar o ano, no dia 04 de dezembro, a justiça fechou a fase de instrução, ouvindo todas as testemunhas e averiguando todas as provas, a sentença de primeira instância será divulgada em janeiro de 2010.

O Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco), entra na investigação após Paulo Unfried dizer que foi torturado e

teve seu filho ameaçado de morte por policiais, para assumir a culpa no crime. Em 18 de fevereiro, sai a condenação e Juarez deverá cumprir a pena de 65 anos e cinco meses de prisão. Início de abril de 2010, o MP denunciou também uma funcionária por falso testemunho, Sirlei Aparecida Dias afirmou que Juarez estava trabalhando no dia e horário do crime.

Em paralelo, ainda corriam investigações feitas pelo Gaeco a respeito da falsa confissão de Unfried, e no dia 16 de junho de 2011, seis policiais foram presos por suspeita de fraude no processo do caso, Altair Ferreira Pinto, irmão de Juarez Ferreira Pinto, o delegado José Tadeu Bello e quatro policiais militares de Matinhos. Outra matéria, no mesmo dia, sobre o caso, diz que os policiais forjavam provas e tentaram incriminar um inocente. No dia seguinte, outro policial, também acusado de fraude, se entrega.

Em 2013 houve a absolvição dos policiais pelo processo disciplinar interno da Polícia militar.

No dia 12 de dezembro de 2013, Juarez Ferreira Pinto, que é portador de AIDS, cumpre pena em casa por conta do estado de saúde. Vítima sobrevivente contesta decisão.

Análise

Neste tópico, será realizada a análise do conteúdo levantado no primeiro passo de acordo com a análise pragmática da narrativa jornalística. Como dito anteriormente, este método de pesquisa é composto por cinco passos, o primeiro foi criar a narrativa para esclarecer e unir todos os fatos, agora, é preciso identificar os conflitos encontrados em todo o conteúdo, ou seja, depois de unir todas as matérias em apenas um texto, o próximo passo será uma análise mais profunda do material.

Segundo Passo: Identificando Conflitos na Narrativa

Buscando identificar os conflitos e a funcionalidade dos episódios, foi feita uma análise acerca do conflito encontrado no caso, onde primeiro um suspeito foi preso e reconhecido, depois outro criminoso confessou ser responsável pelo caso por ter sido ameaçado. Como não foram noticiados fatos

da vida do casal antes, a história já se apresenta a partir do clímax, que é onde todo o crime ocorre. Os jornais noticiaram o crime, o desenrolar da história, seja no estado de saúde da vítima, ou na investigação policial que corria em paralelo. A resolução também foi acompanhada pelo jornal Gazeta do Povo, desde o primeiro retrato falado do suspeito, até a sentença final, que condenou o culpado. Essa fase foi bastante marcada por confusão por parte da polícia, que seguia a investigação por uma linha, depois voltou atrás e modificou o caso, outra pessoa confessou o crime, depois também voltou atrás. O desfecho e a punição demoraram muito tempo até realmente aparecer na história, com a condenação de Juarez Pinto.

De acordo com a análise feita sobre as matérias, podemos identificar alguns lados que de alguma maneira estão em confronto, de um lado a vítima que busca justiça, do outro a polícia, que busca encontrar um assassino. Apesar de a polícia estar em busca do mesmo objetivo que a vítima, as dificuldades apresentadas no caso fazem com que esse papel muitas vezes se confunda principalmente nas matérias em que órgãos competentes passam a investigar alguns policiais que estariam envolvidos para descriminar Juarez Pinto.

Terceiro Passo: Análise dos personagens

Muitos são os personagens que envolvem a história. Mas enumerando os principais envolvidos, podemos destacar Osiris Del Corso, a vítima fatalizada, Monik Pegorari de Lima, a vítima sobrevivente, Juarez Ferreira Pinto, o principal suspeito e Paulo Unfried, que tempos depois, confessou o crime, mas foi inocentado.

Na matéria que leva o título “Vítima pode ficar paraplégica”, eles apresentam Osiris Del Corso como uma ótima pessoa, na matéria publicada por Pollianna Milan e Themys Cabral, enfatizam o fato de Osiris ter sido embaixador da paz no grupo de jovens Rotaract, do Rotary Club e também o apontam como um jovem idealizador, com muitos sonhos e projetos pela frente, que teve sua vida interrompida por um assassinato brutal. Podemos

perceber que a vítima foi descrita como uma pessoa muito boa, o que pode causar ainda mais comoção dos leitores e até mesmo raiva.

Juarez Ferreira Pinto foi o primeiro suspeito a ser preso. Logo na segunda matéria apresentada, o suspeito passa mal, é levado ao hospital, mas exames não apontam nenhuma causa sugerindo falta de compromisso com a verdade. Apresentam também alguns álibis e fatos que deveriam excluí-lo da lista de suspeitos, mas mesmo assim, de acordo com matérias analisadas, não pareciam descartar, mais tarde descobriram que o álibi foi forjado e de nada valeria. Diversas contestações, como médicos afirmando que ele seria incapaz de subir o morro, sempre alegando doença.

Monik Pegorari de Lima é a vítima sobrevivente. O jornal retrata sua vida em duas partes, algumas matérias só com o estado de saúde e a possibilidade de ficar paraplégica, e a busca pelo criminoso. No início a retratam como confusa, ainda em choque, pois voltou atrás em algumas declarações, mas desde a primeira vez em que viu Juarez, teve a certeza de que ele era o culpado.

Paulo Unfried foi preso por invadir e estuprar uma mulher em Matinhos, município onde ocorreu o crime. Policiais, inclusive o irmão de Juarez Ferreira Pinto, o principal suspeito, o ameaçaram e sua família, para que confessasse o crime do Morro do Boi também. A cobertura mostra a participação de Unfried sempre com dúvida. Em uma matéria, o novo suspeito conta como foi o crime para a promotoria, mas com muitas falhas, a matéria dá ênfase para a parte em que ele não se lembra das roupas das vítimas. Logo depois criam em uma matéria, o perfil dele, “de bom vizinho à psicopata”, com detalhes sobre vizinhos e conhecidos.

Quarto Passo: Estratégias comunicativas

Geralmente, as coberturas jornalísticas de crimes são marcadas por um narrador distante, que apresenta os fatos como se estivesse fora, e conduz sua matéria a partir de declarações de entrevistados, ou seja, os entrevistados falam, o jornalista apenas narra o que foi dito.

Para que os leitores tomem os conteúdos das matérias como verdade, são utilizadas algumas estratégias. De acordo com as matérias apresentadas pelo jornal Gazeta do Povo, as matérias apresentam um narrador que consulta fontes e essas fontes falam nas matérias. Por exemplo, na matéria em que se apresenta o caso, o jornalista se utiliza da descrição da vítima para o corpo de bombeiros, ou seja, o jornalista apresenta a história de acordo com entrevista feita com o corpo de bombeiros. O fato de apresentar uma fonte especializada, que participou do socorro do casal no Morro do Boi, confere credibilidade à matéria. Parte-se do pressuposto que eles viram com os próprios olhos as marcas deixadas pelo agressor ao encontrar as vítimas, e estão falando a verdade.

Por outro lado, houveram algumas matérias apresentadas pelo blog Quase Nada, que por expressar mais opinião, contam com algumas estratégias diferentes. Em todas elas, oferecem um ataque a alguém, principalmente à investigação policial conduzida. Essas matérias giram em torno de um narrador, que analisa e opina tudo o que é visto.

Para identificar os efeitos poéticos¹, foi feita uma análise dos títulos de todas as matérias publicadas no jornal Gazeta do Povo, sobre o caso do crime no Morro do Boi. Na maioria deles, são simples descrições do que se tratará a matéria, alguns exemplos são: Assassinato do Morro do Boi chega à Justiça; MP denuncia suspeito do crime no Morro do Boi; Condenado pelo crime do “Morro do Boi” cumpre pena em casa; entre outros. Porém, em alguns podemos identificar tais elementos, como “Reviravolta no crime do Morro do Boi: houve lambança?” essa publicação trata-se de uma análise com opinião, não uma matéria, propriamente dita. Outro exemplo “Cão farejador rastreia passos do assassino”, um título impactante, principalmente por ser uma das primeiras matérias a serem publicadas, na matéria falam sobre uma das primeiras pistas a serem encontradas na trilha. “Juiz quer novo suspeito e vítima do Morro do Boi cara a cara”, mostra um elemento não identificado na maioria das reportagens, além da expressão “cara a cara”, subentende-se que

¹ De acordo com Umberto Eco, o efeito poético é a capacidade de um texto oferecer diferentes leituras, sem nunca consumir um todo. Ou seja, diferentes leituras sobre um determinado material.

isso é uma coisa relevante para o caso e impactante para a vítima, faz o leitor pensar como será a vítima encarar alguém que matou seu namorado e a deixou em uma cadeira de rodas. “E quando a polícia erra?”, esse título é muito atrativo, devido à fase que a investigação se encontrava, a matéria fala sobre as sucessivas falhas encontradas no inquérito, o que não deveria ocorrer. “Agora, vigia nega crime do Morro do Boi”, podemos perceber certa opinião nessa descrição, principalmente pelo elemento “agora”, mostra a dúvida sobre o caso e também conversa com o título anterior, onde o veículo aponta irregularidades no processo de inquérito. Durante toda a cobertura da reviravolta do caso, percebemos grande alteração nos títulos, os que antes eram simplesmente um resumo do que se falava a matéria, os próximos vinham carregados de elementos poéticos. “Terceiro homem complica ainda mais o caso do Morro do Boi”, complicar ainda mais, sugere que algo já não estava caminhando como deveria. Outra análise foi acerca de títulos que apenas citavam a fala de algum entrevistado, como: “Não vou desistir. Vou voltar a andar” (fala de Monik); “Minha vida se tornou um inferno” (fala de Juarez); “Ele nem se parece com quem fez isso comigo” (fala de Monik). As falas foram elementos que eram usados para chamar a atenção de leitores, um apelo emocional, principalmente quando havia falas da própria vítima. Alguns adjetivos também chamaram bastante a atenção, como na matéria “Crime afasta turistas e assusta moradores”, publicada por Karlos Kohlbach, adjetiva a morte como um crime “bárbaro”. Além da foto que ilustra a matéria ser da mãe da menina Rachel Genofre, outro caso ocorrido há menos de um ano, ainda sem solução. Interessante perceber que apenas a foto e a legenda fazem menção ao caso anterior, porém, durante a matéria, nada se fala sobre.

Quinto Passo: Analisar ponto de vista do narrador

Especificamente nesse caso, o narrador sempre é onisciente, tudo sabe, vê e conta de uma perspectiva ilimitada. Ele nunca vive o que está dizendo, apenas apresenta fatos. O fato de o crime ser noticiado enquanto as investigações desenrolam, forma uma espécie de suspense para os leitores, que aguardam os próximos capítulos da história. Os jornalistas realizam

recortes de informações que julgam importantes, muitas vezes essas escolhas são feitas em busca de mais audiência, ou seja, buscam dar as informações que o público quer saber. Por esse motivo, a análise parte de uma relação entre narrador e o narratário. Em casos como o do Morro do Boi, as emoções sempre são um alvo interessante, todos querem saber o desfecho da história, mesmo que demore muito tempo para a justiça reagir. Mesmo que a função do jornalista seja apresentar os fatos, sem tomar nenhum partido, neste tipo de histórias, é fácil entender que o público deseja ver o criminoso pagar por seus atos. Dessa forma, a maneira de se narrar a história pode mudar muito e deixar de ser totalmente imparcial e ir à busca daquilo que os leitores desejam saber.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender o que está subentendido em toda a cobertura é necessário realizar a divisão dela em pelo menos duas partes, o início, que conta sobre o crime, até a primeira prisão de Juarez Ferreira Pinto, e o final, depois de todos os embaraços feitos pela investigação policial. No início era uma forma de alerta as pessoas, de que isso poderia acontecer com qualquer um. Depois, que todo cuidado é pouco, e precisamos cobrar o que é nosso de direito, a justiça, e quem comete um crime, deve pagar por isso.

Nesta pesquisa, destrinchamos alguns pontos principais dentro de todo o caso. É importante eleger alguns pontos chaves, que foram possíveis identificar realizando esta análise. As reviravoltas no caso chamaram a atenção para o crime e fica evidente a interferência da mídia no caso.

Referências

ALMEIDA, Mirian Paz. **Morro do boi: das sombras à esperança**. Curitiba, PR: Interstudy Corso, 2016.

ALVES, Gilson; MEDEIROS, Clarissa; MENEZES, Matheus. **A abordagem jornalística em assassinatos violentos e crimes em série**. 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1560-1.pdf>. Acesso em 25 de março de 2017.

MOREIRA, Juliana. **A influência da mídia nas decisões judiciais: análise dos limites da liberdade de expressão e do direito à informação.** Anais do VII Congresso Brasileiro de Direito da Sociedade da Informação. v. 7, 2014. Disponível em: <http://www.revistaseletronicas.fmu.br/index.php/CBSI/article/view/535>. Acesso em 07 de dezembro de 2016.